

# Artigos

## >>>Klauck Soares

### A INFLUÊNCIA POSITIVA DOS INGLESES

A China cresce assustadoramente. Por que?

A Índia está dando um banho até mesmo no Brasil, cresceu 8% no ano passado. Por que?

A resposta é: a influencia passada dos ingleses que fizeram de Hong Kong colônia e Índia colônia também, essa influencia positiva foi através da adoção do capitalismo liberal, e o modelo educacional.

Todos nós sabemos que a China observava muito Hong Kong, principalmente a economia, achavam espantoso o crescimento que lá se verificava. Por causa disso a China em vez de tornar Hong Kong um país comunista, está fazendo o contrário, está usando dos empresários e a tecnologia empreendedora daquele pequeníssimo território como modelo a ser espalhado por toda a China. Hong Kong era conhecido pelos especialistas como o país mais liberal do planeta, mais liberal que a própria Inglaterra que a dominava. Mesmo antes de Hong Kong ser anexado a China, o governo chinês trabalhavam a passos largos para tornar a China um grande pátio de obras e fabricas dirigidas por capitalistas do mundo todo.

Na Índia foi mais demorado, mas começou a emergir, investimento na educação foi massiva promovendo um salto qualificativo na mão de obra indiana que encontra lugar para trabalhar até mesmo nos Estados Unidos.

As religiões Hindu, Islâmica são os principais entraves para aceitação das regras ocidentais, por ideologia ou tradição de ancestrais. Mas mesmo assim a Índia cresce.

A África do Sul também recebeu a influencia inglesa é considerado pais mais prospero do continente africano. Os outros países trataram de destruir tudo que fosse de herança inglesa por causa dos socialistas que lá se acomodaram. Lamentável, não é? Na verdade os ingleses foram os primeiros países a adotarem o capitalismo clássico, alavancando o progresso em seus territórios de domínio que mais tarde influenciaram suas economias. Bem como as doutrinas cristãs protestantes, diferentes das idéias da igreja católica da época.

## >>>Rodrigo Velea

### DITADURA DO HOMOSSEXUALISMO

Sem dúvida, o homossexualismo tomou conta da grande mídia, propagando seu estilo de vida. Até aí nada demais, já que existe liberdade de expressão. O problema vem quando o movimento homossexual quer utilizar a liberdade de expressão para reprimir aqueles que são contrários a essa prática sexual.

Pois entrando no site<sup>1</sup> do jornal "O Globo" temos uma amostra inequívoca desta criminalização da dissidência promovida pelas ONGs gay:

#### **Leis bizarras aguardam aval de vereadores**

Entre elas, a criação do Dia do Orgulho Heterossexual<sup>2</sup>

Essa lei só poderia ser considerada bizarra se o heterossexualismo fosse considerado bizarro. Só que o mais estranho de tudo isso, que o Dia do Orgulho Homossexual é considerado normal. Então podemos deduzir de início o seguinte: primeiro, nem todos são iguais perante a lei, alguns têm direito a um dia especial só porque resolveram fazer sexo com pessoas do mesmo sexo. Segundo, o sexo heterossexual é bizarro, mesmo que ele preencha o requisito fundamental para o sexo: a reprodução da espécie.

A forma mais eficiente de reprimir a dissidência é caracterizá-la como homofobia. Uma coisa é discordar do homossexualismo baseado em preceitos religiosos e biológicos, outra coisa é querer queimar os homossexuais em praça livre. Embora tenhamos reservas morais em relação ao homossexualismo, nós, liberais, não podemos sair caçando homossexuais, visto que seu ato não viola diretamente nossas vidas, liberdades e propriedades.

Outro aspecto da ditadura do homossexualismo é o fanatismo que as ONGs gays defendem a "imutabilidade" da opção sexual, geralmente utilizando o desesperado argumento de que a opção sexual é algo genético; se isso fosse verdade, estaríamos ainda nos tempos da caverna e impedidos de evoluir graças ao nosso código genético. A "prisão" gay é muito eficiente já que obriga os "imutáveis" a contribuírem financeiramente para com as ONGs gays. Engraçado, as ONGs, braço executivo da esquerda como PT e companhia, acredita na recuperação de criminosos mas barra qualquer tentativa de se reconhecer que uma pessoa tem o controle de sua vida sexual.

Resumindo, as ONGs homossexuais nada mais são do que tentáculos da esquerda para que se possa implantar no Brasil os regimes de Cuba, China, União Soviética e Coréia do Norte, locais onde os homossexuais são condenados à morte. Bela liberdade que os ongueiros promovem.

<sup>1</sup> Velea, Rodrigo. Screenshot do "O Globo Online". 02 Feb. 2006

<<http://photos1.blogger.com/blogger/3090/131/1600/screenshot.0.jpg>>.

<sup>2</sup> Apolinario, Carlos. "Processo Legislativo." Projeto de Lei nº 294/2005 de 24/05/2005. 26 Set. 2005. Câmara dos Vereadores. 02 Feb. 2006 <<http://www.camara.sp.gov.br/projintegrapre.asp?fProjetoLei=294/05&sTipoPrj=PL>>.

Em ano de eleição só se pensa nisso. O restante da vida nacional esmaece ou mesmo apaga diante do espetáculo muitas vezes degradante da política, levado aos picadeiros do país para deleite do respeitável público.

Como único candidato, se bem que negue tal evidência, o presidente Luiz Inácio conforme faz desde sua posse tem se dedicado ao auto-elogio e ao ataque a seu antecessor. Aliás, a oposição sistemática de seu partido durou oito anos de forma ininterrupta. Foi assim que o PT obteve êxito na demonização de Fernando Henrique Cardoso e grande parte da sociedade foi eficientemente persuadida através da mídia, da universidade e da Igreja de que estava diante do pior governante que o Brasil já teve. Rapidamente a memória do povo, que elegeu e reelegeu FHC especialmente por conta do êxito do Plano Real, se esvaiu sob intensa propaganda petista, enquanto Luiz Inácio era ainda mais santificado como o puro, o ético e, também, por atributos negativos (entre eles seu despreparo para o cargo), o que revela muito sobre o caráter nacional na medida em que enaltece anti-heróis e anti-valores com aquela naturalidade própria de nossa plasticidade moral.

Na relação PT/PSDB surgiu uma dualidade interessante. Para o PT, o PSDB é o inimigo. Para o condescendente PSDB o PT pode eventualmente em campanha ser o adversário. Já o presidente Luiz Inácio, que trai um tremendo complexo de inferioridade diante de Fernando Henrique, atribui a esse os males do Brasil, mas não se importa em copiar sua política macroeconômica nem de tentar repetir seus programas sociais. No fundo o PSDB é um demônio cômodo para o PT que achou o bode expiatório para seus próprios erros, fracassos e a espantosa corrupção que se assiste. Este é o mesmo mecanismo que atribui aos Estados Unidos a culpa pelas mazelas latino-americanas, oriundas na verdade da mentalidade do atraso que grassa no continente.

Com o resultado das eleições municipais, quando a imprensa falou em polarização entre PSDB e PT, petistas recrudesceram os ataques ao PSDB, a suave e diplomática agremiação de punhos de renda que contrasta com a truculência da república sindical que tanto sucesso faz, e nesta campanha tal tendência irá aumentar.

No momento o PT parece temer menos José Serra e mais Geraldo Alckmin. Isso é perceptível na medida em que o governador de São Paulo é crivado de ataques que vão do apelido de picolé de chuchu à “denúncia” de ser ele membro da Opus Dei. Entra em discussão uma possível opção religiosa de Alckmin que, se fosse dirigida ao mítico ex-dirigente sindical seria condenada como intolerável preconceito. A Luiz Inácio basta ser “religioso a sua maneira”, como definiu um bispo amigo. E apesar de se dizer que Alckmin não é conhecido, contraditoriamente é taxado de insosso sem que lhe dê chance de mostrar realmente como é. Provavelmente o PT receia o contraste entre sua estrela barbuda e o homem educado, de fala correta e bem articulada, que demonstra inteligência e comprova eficiência através de realizações efetivadas ao longo de sua carreira pública. Alckmin é “perigoso” na medida em que poderia atrair simpatias em performances televisivas de campanha. De todo modo, ainda não se sabe quem o PSDB lançará, sendo que no momento seus caciques parecem se inclinar para José Serra.

Com os demais partidos, excluindo o PFL, o PT mantém uma relação de calculada indiferença. Exceção feita ao PMDB (que é governo e oposição ao mesmo tempo) que seria o grande sustentáculo da reeleição do candidato Luiz Inácio.

Com a queda da verticalização, que aumentou a mixórdia partidária, o PMDB poderá lançar candidato à presidência da República (quem sabe apoiando Luiz Inácio por debaixo do pano, como já fez com Ulysses Guimarães) e fazer as coligações que quiser nos Estados, sobretudo, com o PT. Diante dessas duas máquinas de poder, a luta será desigual, o que faz com que alguns voltem a apostar na reeleição de Luiz Inácio.

De todo modo, com exceção do presidente, os demais candidatos ainda não estão definidos e pode ser que durante a campanha surja uma oposição para valer. A política é mutável e cheia de surpresas, e só as urnas em outubro poderão mostrar se venceu a máquina federal, a propaganda enganosa e a compra de votos – ou se o povo aprendeu a lição.

Mas enquanto no Brasil só se respira clima eleitoral, no resto do mundo sumimos do mapa. Luiz Inácio não foi nem em Davos nem em Caracas. Em ambos os fóruns ele não tem mais espaço. Em Davos os países que importaram como nações em ascensão foram a China e a Índia. Em Caracas a estrela foi Hugo Chávez, ídolo e condutor das esquerdas latino-americanas. Melancolicamente fomos reduzidos à insignificância que o governo do PT, em que pese suas bravatas, nos conferiu.